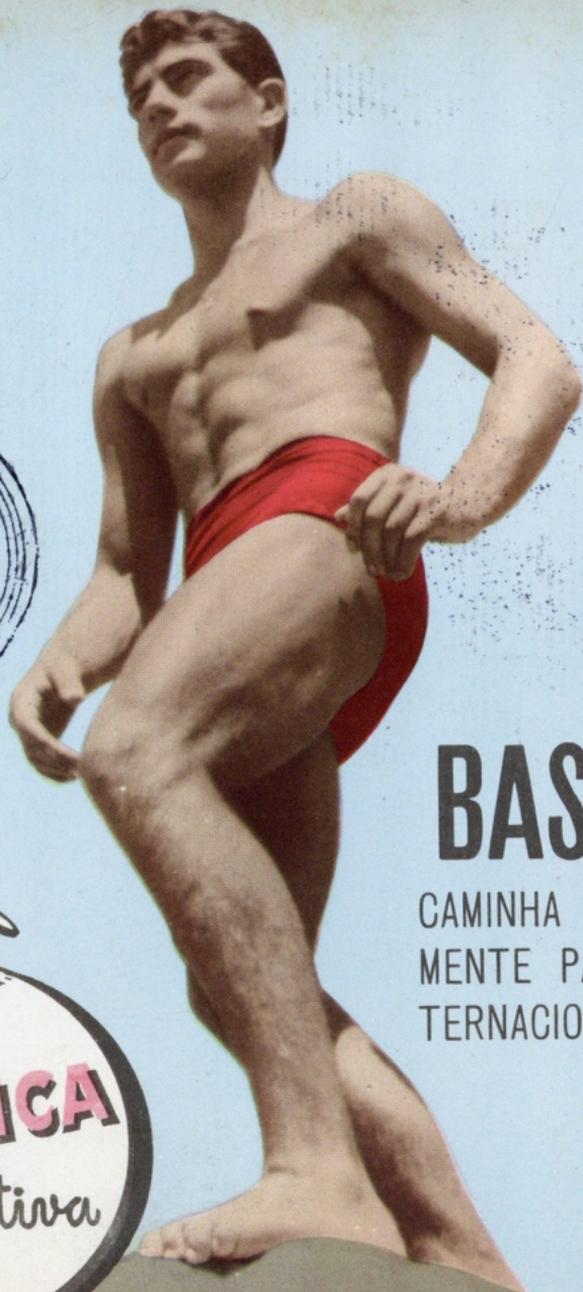


SENSACIONAL
BIOGRAFIA
ENTREVISTA
NESTE
NÚMERO



BASTOS

CAMINHA CONFIADA-
MENTE PARA A IN-
TERNACIONALIZAÇÃO



AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

MARIO DE AGUIAR apresenta
CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 15 — 21-7-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIR
& DIAS, LDA. — Distribuição da AGÊNCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

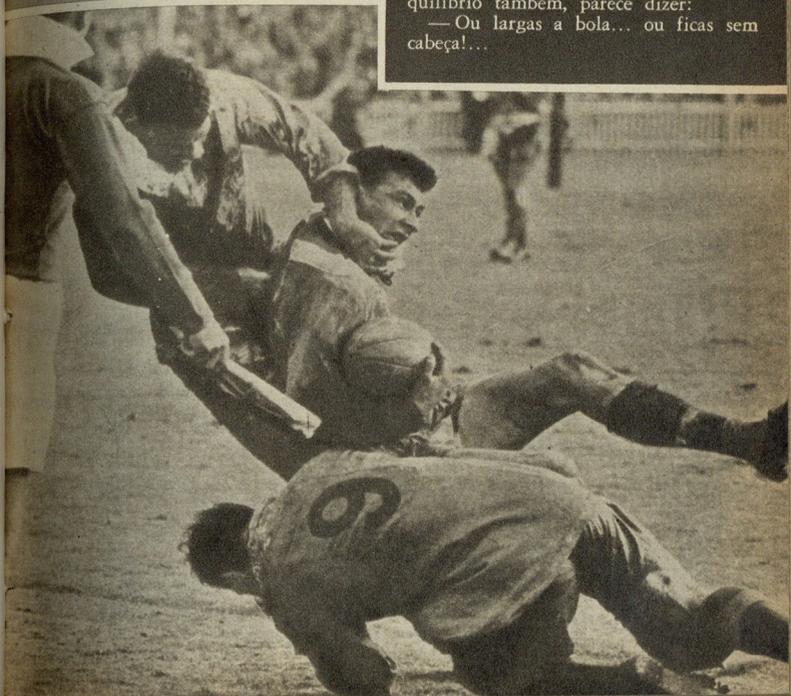
Todos os Domingos

Ou largas a bola...

Esta movimentada fase de rãguebi re-
fere-se a um encontro do Campeonato
de França do jogo de 13.

Não faltou público, nem entusiasmo,
nem vitilidade. E aqui, por exemplo, no
ardor da luta, enquanto o n.º 9
aguenta com o colega de equipa que
segura a bola, o adversário, já em desi-
quilíbrio também, parece dizer:

— Ou largas a bola... ou ficas sem
cabeça!...



QUANDO O VASCO RI E O MADRID CHORA!

O Vasco da Gama ganhou, como se sabe, o Torneio Internacional de Paris, ao bater, na final, o Real Madrid.

São já conhecidas as várias peripécias que esmaltaram o encontro final e

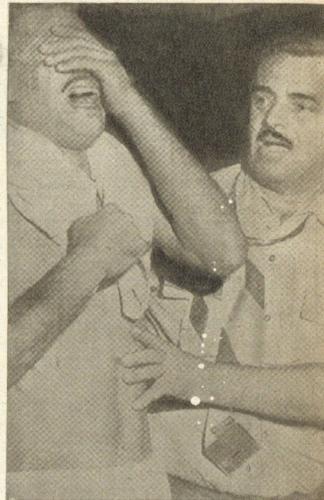
delas fazemos eco, apresentando algumas fotos inéditas entre nós.

Tudo está presente nesta pequena história fotográfica: a alegria do Vasco ao receber os aplausos do público, a mágoa do Real Madrid quando Mateos saiu magoado do terreno, a paciência dos agentes da autoridade, as atitudes de Di Stefano e de Kopa, e a decidida intervenção de Livinho (Vasco) para Santamaria (5) que parece dizer-lhe, como o nosso árbitro Canuto uma vez:

— Olha que está toda a gente a olhar para nós...



CHORO PATÉTICO...



— Porque está você chorando? O O «patife» do árbitro lhe «negou» um «penalty»? O adversário lhe deu uma «canelada»? Ou você falhou o «tiro»? Ou o «título» se foi por «água abaixo»?!

Oh! Não! Este homem — Zito, este do Santos F. C. (Brasil) — está simplesmente chorando porque a emoção se lhe apoderou dos nervos, ao terminar o jogo em que o seu clube... se sagrou campeão!

Zito chora de alegria, pateticamente, alheio ao aforismo de que «é feio um homem chorar»...

Mas quantas lágrimas não humedeceram já os olhos do leitor, por causa dessa loucura do futebol?!

JONH DEREK

teve de apanhar e dar muitos socos para se apresentar em forma no filme «O SANTO DO RINGUE»

Está em exibição em Portugal um filme com o título de «O santo do ringue», que nos conta a história de um padre que teve de se fazer «boxeur» para assim obter as somas de que necessitava para fins beneficentes. O protagonista principal é o conhecido artista John Derek e neste ponto observa-se a união existente entre o cinema e o desporto.

Para conseguir apresentar-se perante a câmara de filmar em condições de desempenhar o papel de um grande «boxeur» John Derek teve de aprender os segredos da nobre arte e treinar-se afincadamente durante meses. Com a colaboração de um bom «manager», Derek deu e levou muitos socos durante meses. Só assim lhe foi possível demonstrar a real classe que lhe anotamos no desempenho do filme «O santo do ringue».

Nas imagens que apresentamos vemos várias fases do seu aturado treino antes da primeira volta de manivela da máquina de filmar.

(Fotos gentilmente cedidos pela Paramount Pictures Corporation).



A INVASÃO DA NORMANDIA NO LAR DO BENFICA

O Benfica possui nas suas fileiras, segundo nos informaram, vinte e quatro jogadores a cumprir serviço militar — isto entre futebolistas de todas as categorias, dos aspirantes aos titulares...

Uma boa parte deles concentra-se, quando livres dos seus deveres militares, no «Lar do Jogador». Como o jantar é às 19 e 30, os rapazes chegam pouco depois das 19, envergando as suas fardas de recrutas, e como são muitos, quando juntos, parecem constituir um batalhão.

Dá-se logo pela sua entrada em casa, pois as suas botas de cardas, pelos corredores e escadas, fazem-se ouvir em todos os recantos do Lar.

...O que levou Águas, quando ainda em Lisboa, a exclaimar:

— Lá vem a invasão da Normandia!...



CURIOSIDADES ONOMÁSTICAS

Os Vasques da 1.ª divisão

Entre os participantes no Campeonato Nacional da Divisão-Mor, encontramos 4 Vasques, todos em clubes diferentes, mas todos do Sul do País.

O mais popular é **MANUEL VASQUES**, internacional de renome que no Sporting formou com José Travaços um binário internacionalmente célebre. Tem agora 30 anos e promete aproximar-se das 30 presenças na equipa das quinas.

Seu irmão, **JOÃO VASQUES**, da Cuf do Barreiro, raras vezes jogou esta temporada, embora se saiba tratar-se de um bom elemento. Tem 27 anos e para ele o final da carreira deve ainda vir longe.

O mais velho de todos é **LUIS VASQUES**, do Barreirense, oriundo do Algarve e figura muito popular na vila fabril. Como médio de ataque atingiu bom plano e distinguuiu-se por ser um jogador sensato e atilado. O ano de 1958 deve assinalar o fim da belíssima carreira de jogador de Vasques, do Barreirense.

Por fim, o «benjamim» do quarteto é o ex-júnior **VASQUES**, do Vitória de Setúbal, com algumas presenças na categoria de honra onde os seus 21 anos algo prometem. É baixo, mas robusto e alinhna normalmente como extremo-esquerdo.

COMO VIERAM TER A PORTUGAL
OS TREINADORES ESTRANGEIROS

Peics



Peics — internacional
pela Hungria.

Como vieram parar a Portugal os treinadores estrangeiros que por cá trabalham? Eis um tema curioso que nos propomos apresentar aos nossos leitores, de quando em quando.

Principiamos (sem qualquer

preocupação de prioridade) pelo húngaro Alexandre Peics, que entre nós deve ter batido um recorde de variação, pois já treinou clubes da I Divisão (e dos Grandes...), da II e da III!

— Claro que entre treinar um grande e um pequeno, vai uma grande diferença — disse-nos ele. Diferença de campos, de material, e... matéria-prima.

Na III Divisão, por exemplo, tem de se ensinar mais os pormenores da técnica do futebol mas por outro

lado, tem de se tomar em atenção que nesta divisão se joga mais à base da energia. Na I Divisão é já um curso superior, por um lado mais fácil, mas com maiores responsabilidades. Temos ainda uma parte importante, que é a de «fabricar jogadores», como acontece quando se tem a nosso cargo as categorias de principiantes e de juniores, função que é das mais gratas a um verdadeiro treinador de futebol.

Com esta derivação, já estávamos a esquecer o fim principal da entrevista. Ei-lo:

— Fui jogador e «internacional», antes

de ser treinador. Comecei nos juniores do clube da minha terra (cujo nome é bem parecido com o meu: Pecs...) e mais tarde ingressei no conhecido clube de Budapeste, Upest. Estive lá seis épocas e fui internacional três vezes.

«Depois fui para Itália, jogando três épocas no Verona, da I Divisão. Passei a treinador nesse mesmo clube porque entretanto proibiu-se o concurso de jogadores estrangeiros.

«Treinei depois mais dois clubes italianos e um suíço antes de vir para Portugal — o que sucedeu no dia 12 de Agosto de 1943.

Vim porque um jogador uruguaio, chamado Ricardo, de passagem por Lisboa, recomendou-me aos directores do Belenenses, que então me convidaram.

Sucessivamente orientei o Belenenses, V. Guimarães, Académico, Almada,

Sporting, de novo o V. Guimarães, Portimonense, Oriental, Marinhense, e Sporting de Braga.

Ou seja: quatro clubes da I Divisão (num dos quais, o V. Guimarães, num total de três épocas), quatro da II e dois da III (que subiram à II).

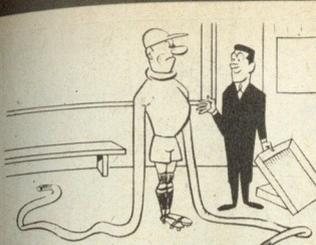
Palmarés curioso, não é verdade, leitor amigo?

Presentemente, Alexandre Peics está em negociações com clubes... das três divisões — clubes onde já prestou serviço e conhece o seu valor.

Todavia, é possível que a lista aumente com um clube novo, da I Divisão...

é recordista de variação
pois já treinou clubes
da I [e "grandes"...]
II e III divisões

HUMOR NO DESPORTO



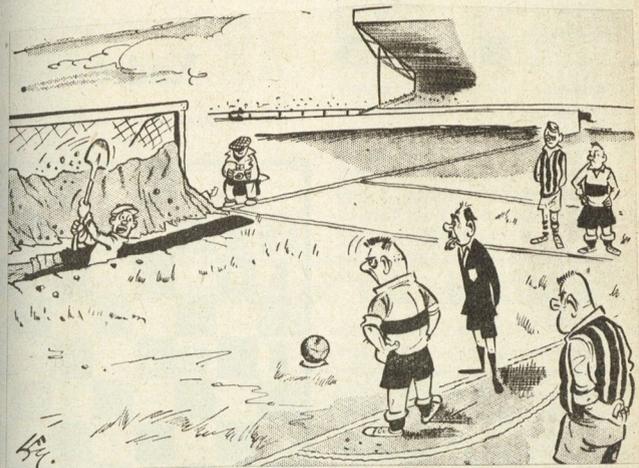
O «KEEPER» — Mas, então, que camisola vem a ser esta?...

O TESOUREIRO DO CLUBE — O guarda-redes que jogava antes de ti era o filho do presidente e tinha os braços muito compridos...



O marcador do livre para o oficial de aeronáutica:

— O quê, você não acredita que isto é mais difícil do que passar a barreira do som?



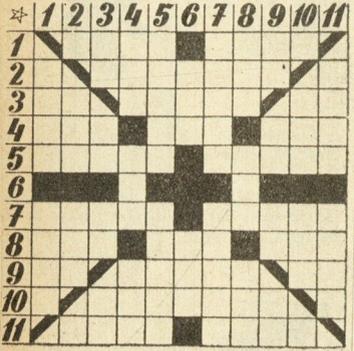
O GUARDA-REDES — O «sôr» árbitro, espere um bocadinho, se faz favor! É só tapar aqui a baliza.

HUMOR NO DESPORTO

HUMOR NO DESPORTO



Palavras cruzadas

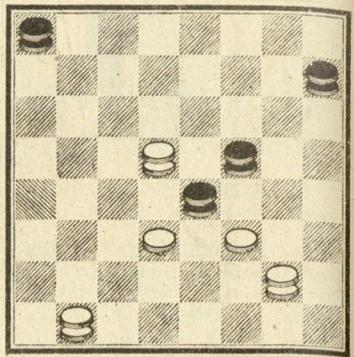


HORIZONTAIS — 1 — Jogadores do Atlético e do Caldas; 2 — Antigo internacional; 3 — Numeral, sal do ácido úrico, graça; 4 — Nome vulgar do óxido de cálcio, saudação, prep. e art.° pl.; 5 — Jogadores do Barreirense e Benfica; 7 — Os dois pontos-esquerdas da final da Taça Latina; 8 — Braço de rio, passado, gemidos; 9 — Existes, nome de árvore, o mais; 10 — internacional de futebol; 11 — Modalidade desportiva, jogador do Salgueiros.

VERTICAIS — 1 — Nome por que é mais conhecido um «internacional» leonino, acreditar; 2 — Doença, queixumes; 3 — Art. pl., cinquenta e cinco, Caminho; 4 — Pron. pess., pron. pess., doçura; 5 — Lapsos, gritaria (gir.); 6 — Árvore terribintacea, cont. prep. e art.; 7 — Pequenas ulcerações, anular; 8 — Prego de pau, pron. pess., espaço de tempo; 9 — Prep., clima, prep. art., despedido; 10 — Quantidade, parente; 11 — Treinador argentino, capital europeia.

Damas

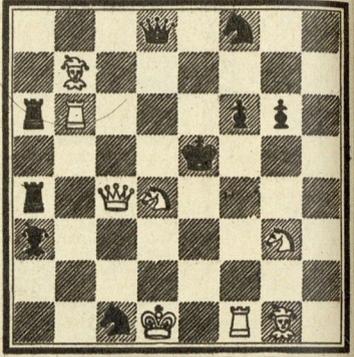
JULIO REIS FEVEIREIRO



Jogam as brancas e ganham

Xadrez

JUAN RUIZ LUQUE
(Jean-Espanha)



Mate em dois lances

VOCABULARIO FUTEBOLÍSTICO

★

Inglês

Francês

Português

Football — Balle au pied (Jeu de football) — Futebol.
Footballer — Footballeur — Futebolista.
Player — Joueur — Jogador.
Team — Equipe — Equipa.
Captain — Capitaine — Capitão.
Forward — Avant — Avançado.
Half — Halves — Demi(s) — Médio(s).
Back — Arrière — Defesa.
Challenger — «Challenger» — Candidato.
Competition — Compétition — Competição.
Goal-Keeper — Gardien de but — guarda-redes.
Keeper — Gardien (de but) — Guardião.
Referee — Arbitre — Árbitro.
Linesman — Juge de touche — Fiscal de linha.
Time — Temps — Tempo(s).
Half-time — Mi-temps — Meio-tempo (primeira ou segunda parte).

Match, **matches** (Partie) — Partida(s), jogo(s), encontro(s), pugna(s).
Goal line — Ligne de but — Linha de baliza.
Goal area — Surface de but — Área de baliza.
Penalty area — Surface de réparation — Área de grande penalidade.
Corner — Coin — Canto.
Corner flag — Drapeau de coin — Bandeira de canto.
Touch line — Ligne de touche — Linha lateral.
Half-way line — Ligne de milieu — Linha de meio campo.
Toss — Tirage au sort — Sorteio dos campos.
Nick — Coup de pied — Pontapé.
Free Nick — Coup franc — Pontapé livre.
Short — Substantif significatif un coup vite, tiré — Chuto, remate, tiro.
Corner Kick — Coup de pied de coin — Pontapé de canto.
To shoot — Verbe tirer — Chutar.
Trip — Croche-pied — Rasteira.
Score — Marque — Resultado, marca.
Hand — Main — Mão.
Penalty, penalties — Penalti(s) — Penalti(s) (Grande penalidade).
Out of play — Hors du jeu — Tempo de jogo.
Off-side — Hors-jeu — deslocação.
To jump — Sauter — Saltar.
Heading — Coup de tête — Remate de cabeça.
To head — Jouer avec la tete — Jogar de cabeça.
To dribble — Conduire seul la balle — Driblar, fintar.
To pass — Passer — Passar.
Pass — Passe — Passagem.
Faul — Faute — Falta.
Championship — Championnat — Campeonato.
Cup — Coupe — Taça.
Ball — Ballon — Bola.

O ÚNICO SORRISO DE MORUMBI

Como se sabe o Torneio de Morumbi, ao qual concorreu o Belenenses, no Rio de Janeiro, foi um fracasso e só suscitou aborrecimentos.

Todavia, contaram-nos um episódio que tem um sabor de anedota. Numa reunião de dirigentes dos clubes concorrentes, da Confederação e do empresário Meneses discutiu-se acaloradamente as razões do inêxito. O sr. Meneses sustentava que a causa fora a falta de categoria das equipas estrangeiras, especialmente o Belenenses.

O dr. Artur Pires, presidente do Vasco da Gama, grande amigo dos clubes portugueses repontou logo:

— Qual quê, «seu» Meneses! Olhe que o Belenenses não é assim tão fraco, como você julga! Eu aposto dois mil cruzeiros que ganhará ao Zagreb!

— Aceito a aposta, «seu» Pires! — replicou o furibundo e falido empresário.

Disputou-se o jogo e, como se sabe, o Belenenses já pôde mostrar o seu valor e derrotar concludentemente o grupo jugoslavo.

E assim o sr. Meneses teve de juntar ao prejuízo de 5 milhões de cruzeiros, que lhe acarretou o torneio, mais dois mil da aposta perdida.

...E o que veio confirmar que ele tem muito fraco «olho» para este «negócio» do futebol...

Os papás são campeões



O famoso corredor britânico de meio-fundo Derek Ibbotson, acaba de realizar em Glasgow o segundo tempo mundial da milha depois do australiano Landy: 3 m. 58 s. 4.

De regresso ao seu condado de Surrey, onde vive na vila de Carshcalton, Derek teve a felicidade de verificar que a sua esposa Madeline, também campeã da modalidade, acabava de dar à luz a pequenita Christine.

Felizes, os dois campeões são focados pela objectiva e deixam transparecer claramente a alegria que lhes vai na alma.

Esta semana fazem anos



Eis a indicação de mais alguns futebolistas aniversariantes:

Orlando Simões Santos, médio da Cuf, nasceu em 23 de Julho de 1931, pelo que completa na terça-feira 26 anos de idade.

Orlando, como é mais conhecido, principiou no V. Setúbal (onde há outro homónimo), tendo representado o clube sadino em 1949-50 e 50-51. Na época seguinte passou à Cuf do Barreiro, sendo um dos jogadores, pela sua combatividade, que mais contribuíram para a subida à 1.ª Divisão.

Outro: **Francisco Assunção Germano Correia**, avançado do Barreirense, também perfaz 26 anos, mas na sexta-feira. Nasceu no Barreiro em 26 de Julho de 1931. Começou a sua carreira nos juniores do Luso, em 1948-49 e só em 1952-53 se transferiu para o Barreirense, onde se tornou uma das suas melhores pedras.



Primo Carnera

simpatizou com um burro...

Ao olhar estes alcazozos, de onde escorre água fresquinha, o leitor imaginar-se-á em Espanha! Pelo menos, o burro é espanhol... E os seus acompanhantes são, nada mais nada menos do que os famosos **catchs** de revelações tardias sobre a sua carreira pré-fabricada e Paulino Uzcudun, que foi também um **boxeur** famoso e que parece disposto a dedicar-se à luta.

Não se pode, pois, dizer que o burro não esteja bem rodeado.

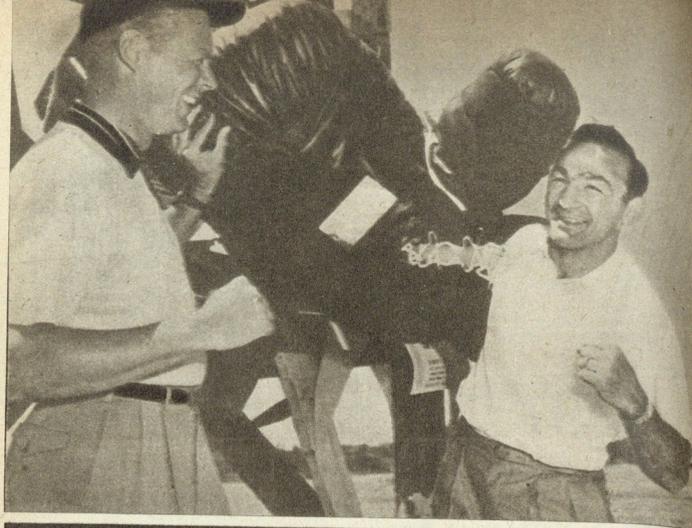


O primeiro árbitro feminino usava tranças...

é arbitrar um desafio de futebol de acordo com as suas complexas leis.

Quando deu o desafio por terminado, escutou uma calorosa salva de palmas. Tinha conquistado a entusiástica admiração de um bom par de milhares de «torcedores» de futebol, encantados pela graça e maestria como tinha arbitrado o jogo. Naquele momento de euforia, Elfried Metz demonstrou ser uma pequena equilibrista e de uma sobriedade de fazer inveja ao mais barbado dos árbitros. Tave lindos sorrisos para todos os seus admiradores, mas recusou todas as prendas que lhe quiseram ofertar, excepto um ramo de flores, que levou para a tua terra, contentíssima por ter sido a primeira mulher no mundo a arbitrar um desafio de futebol entre homens.

Já lá vão dez anos que isto aconteceu — e nunca mais tivemos conhecimento das actividades arbitrais de Elfried Metz.



Basílio e a sua luva gigante

O campeão do Mundo dos pesos leves, Carmen Basílio, é, fora dos momentos de combate ou dos preparativos para os mesmos, um **bon vivant**.

Indiferente aos contratos que o ligam a próximos despiques, Carmen Basílio diverte-se, apresentando aqui a maior luva do Mundo.

Truque publicitário, claro, mas original e espectacular.

Soluções dos passatempos deste número:

FOTO ENIGMA: 1) Bélgica; 2) 0-0; 3) Comes, Virgílio e Carvalho, Castela, Passos e Eleutério, Vasques, Hernâni, Martins, Matateu e Travaços. 4) Salvador do Carmo.

PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1 — Tome, Abril; 2 — Serafim; 3 Um, urato, ri; 4 — Cal, ola, aos; — Alves, Serra; 7 — Cavem, Gente; 8 — Ri, ido, uis; 9 — Es, maura, al; 10 — Germano; 11 — Vela, Rosa. **Verticais:** 1 — Juca, crer; 2 — Mal, ais; 3 — Os, LV, ge; 4 — Meu, ele, mel; 5 — Erros, miara; 6 — Aal, dum; 7 — Aftas, gorar; 8 — Bio, ele, ano; 9 — Em, ar, mé, os; 10 — Ror, tia; 11 — Pisa, Oslo.

DAMAS — 19-28, 32-23, 10-28, 4-21 e 28-3 ganha 32-19, 5-1 e 1-21 ou 4-21 ganha. **XADREZ** — 1. Cf5.



LEMBRAM-SE DESTA ORQUESTRA?

Foi uma «orquestra» famosa que durante muitos anos proporcionou alguns dos mais maravilhosos «concertos» a que se tem assistido nos campos de futebol do nosso país. Quem não recordará os «círcos violinos?» — na expressão feliz e que fez carreira, de Tavares da Silva.

— É necessário dizer os nomes? Todos os desportistas os sabem: Jesus Correia, Vasques, Peyroteu, Travaços e Albano...

eram cinco, depois quatro, com a saída de Peyroteu, em 1950; três quando Jesus Correia trocou em 1953 o futebol pelo hóquei; agora apenas dois, pois

Albano, homenageado há dias, é improvável que continue, momente no primeiro «team».

Que saudades daquela música!...

Entretanto, de Travaços e Vasques, os dois «violinos» que restam não se sabe qual deles armará as botas em último lugar, e estão até muito animados na compita de «internacionalizações».

NO EXTREMO LIMITE...

...É o que se pode chamar a esta atitude da famosa tenista norte-americana Miss D. Hard, cuja raqueta, ao conseguir devolver a bola à adversária, toca *resvés* o solo. Repare-se no esforço de Miss Hard, que realizou exhibições extraordinárias no torneio de Kent, recentemente efectuado.





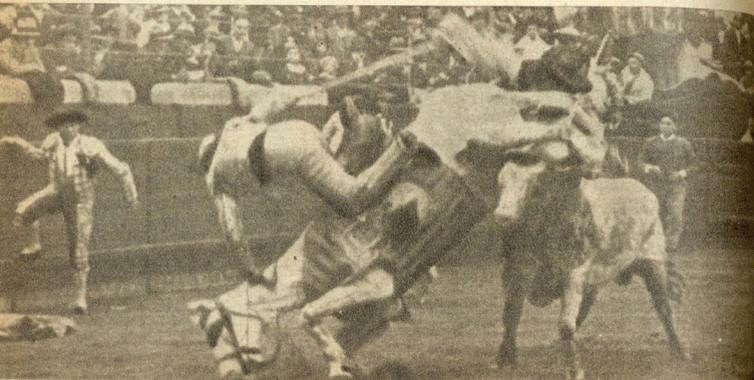
FORA DE JOGO

É a tauromaquia um desporto? Até certo ponto, supomos que sim. Encontram-se no toureio muitas das facetas próprias das pugnas desportivas. Destreza, esgrima de atitudes, na luta entre o homem e o touro, a finta (que

na tauromaquia se designa por «faena»), e até, por vezes, se *joga...* a vida.

Infelizmente, no toureio há outras facetas mais que não se coadunam com os princípios da humanidade. Sobre tudo na Espanha e no México, onde é legal matar os touros, cometem-se ainda outras tropelias, como seja «picar» os animais, o que propicia por vezes a luta furiosa do touro contra a montada do seu algoz. E é ver os cavalos darem cambalhotas e morrerem, ante as investidas dos touros — vítimas inocentes numa luta que deve ser apenas entre o toureiro e o touro.

Em Lisboa já se «picaram» animais com a agravante de que se lhes poupava a vida, isto é, contentava-se em fazer-lhes buracos... Os resultados do triplice combate entre o «picador», o touro e o cavalo foram espectaculares, mas muito deploráveis também, como demonstram as duas imagens desta página.



Futebol — festa de flores em Pequim

Cada país tem seu uso e dizê-lo uma vez mais não é novidade! Enquanto, na Inglaterra, na final da Taça, o povo canta e a orquestra percorre o Estádio tocando alegres árias em voga; enquanto, em França, nos intervalos, um acordeão toca uma valsa alegre e a multidão acompanha seu ritmo; enquanto, no Brasil se bate, o pandeiro e se dança o samba, na China, o *décor* é todo outro; a começar pela entrada das equipas no terreno, quais exércitos com o seu porta bandeira à frente e os generais (os árbitros neste caso) no meio. Então, o público levanta-se e canta o hino do país. Depois, as equipas são cobertas de flores, que distribuem em redor do campo pelos espectadores.

SABE QUE EQUIPA É ESTA?

Esta equipa em 1954 jogou fora e não perdeu! Reconhecem-se, de pé: Eleutério, Castela, Passos, Carvalho, Gomes, Virgílio, Vasques, Hernani, Martins, Matateu e Travassos.

Pergunta-se:

1) Qual foi o adversário? 2) Que resultado se registou? 3) Como formou a nossa turma? 4) Quem foi o seleccionador?



FUGINDO À CANÍCULA

A canícula chegou! As tardes e as noites são, agora, insuportáveis. E só a água pode apagar o fogo que envolve os corpos. Esta náide parisiense não perdeu tempo e procurou refúgio na água fresca da piscina Deligny.

Ei-la, sorridente, bem disposta, mostrando a alvura dos seus dentes, perante a oportunidade do fotógrafo que, ao vê-la aparecer deve ter dado um pulo de contente e gritado.

— Oh! Va! la! quel beauté!

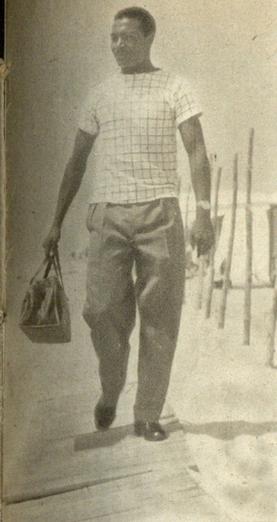
Em presença de tal grande maravilha, que faria o leitor? Não lhe apetece... tomar banho? Seguidamente, apresentamos algumas imagens curiosas do êxodo dos nossos desportistas para as praias. Nem todas as fotos são deste ano — que alguns (os benfiquistas, pelo menos) ainda não puderam saborear este ano uma tarde bem passada, com a família, à beira-mar, gozando a brisa fresca e o sol fortificante...



Cabrita com um grupo de amigos da infância, numa praia algarvia.



Sammer — um professor de ginástica de categoria e uma auxiliar preciosa — exercitam-se, na praia, provando ambos serem magníficos ginastas.

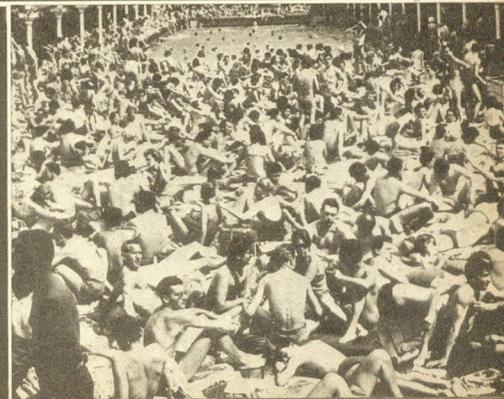


Em baixo — Aguas, a filhinha, esposa, e no extremo oposto Bastos e a noiva, na praia da Torre.

Assim, ainda faz mais calor...

Em pleno verão, a piscina Deligny, em Paris, tem este aspecto. Dezenas de banhistas dentro de água e fora dela entregam seus corpos ao prazer do ar livre, à frescura da água e ao ardor do sol.

O programa é bom, não haja dúvida. Mas... à vista de tanta gente, não parece, leitor amigo, que assim ainda faz mais calor?

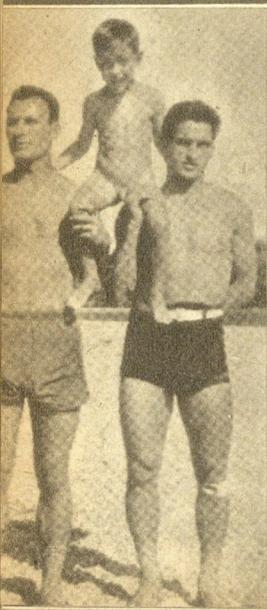




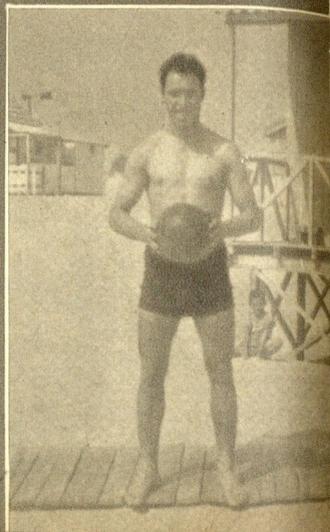
Jogadores do F. C. do Porto jogando futebol num campo... de areia.



Reconhecem-na? É a insinuante patinadora do Benfica, Edith Cruz, numa praia de Antverpia (Bélgica).



A esquerda: José Maria, do Sp. Braga e Gabriel, actualmente no Sporting.



A direita: José Pereira (Benelenses) nem na praia larga a bola...

Uma fase de jogo do cabeça, em que Toixeira, novo «internacional» do F. C. do Porto, certamente leva a melhor.



Dimás (Benelenses) descansa na areia, depois de tomar banho.



Travacos joga uma espécie de ténis, à beira-mar...

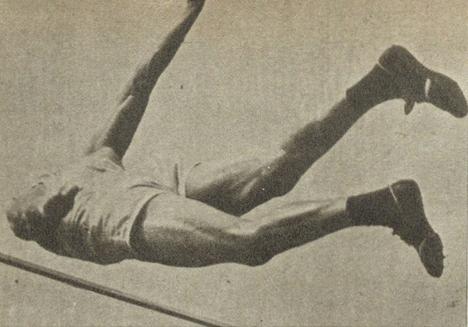


BASTOS

o guarda-redes
a quem faltará
qualquer coisa
se não for
internacional!



como
se
perde
a
cabeça



«Parece difícil, não é verdade, perder a cabeça a saltar?!

Se bem que cair de altura quatro metros, para qualquer mortal menos treinado, seja já de perder a cabeça...

A prova, no entanto, está feita. Este atleta norte-americano no-lo demonstra, ao saltar... sem cabeça.

O que não o impede de revelar exuberantemente a linha maravilhosa do seu estilo.

Primavera
em
Folia

Este friso de belas e risonhas raparigas parisienses, preparando-se para jogar o basquetebol, são a amostra duma alegria sã que, na realidade, só o desporto, com a sua força inigualável pode dar àqueles que para ele se sentem atraídos.





Na equipa de juniores do Benfica.

Bastos, o campeoníssimo — assim o designámos num dos primeiros números de «Crónica Desportiva». Porque o guarda-redes do Benfica foi o único jogador da equipa que participou em todos os jogos no campeonato há pouco findo. E, posteriormente, até na final da Taça de Portugal, triunfou. Desforrou-se assim, de quase uma época inteira no banco dos suplentes, a ver jogar o Costa Pereira... Indiscutivelmente, José Bastos foi uma das grandes figuras da turma «encarnada» na temporada ainda não finda para ela. Foi o segundo guarda-redes menos batido no «campeonato nacional», com a particularidade de ter alinhado em todos os jogos, como

já referimos, o que não aconteceu a Pinho, primeiro classificado nessa pauta. «Todas de despertar a atenção do seleccionador.

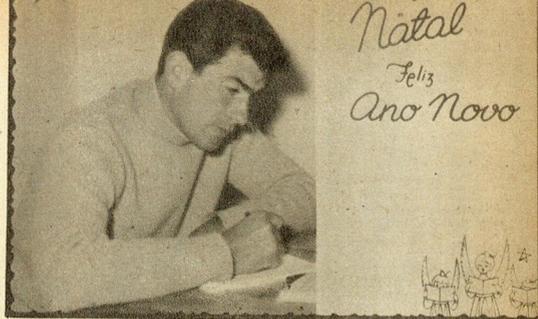
Bastos foi, pela primeira vez na sua carreira, suplente da selecção nacional «A», e se não foi efectivo foi porque Carlos Comes, além de ser um bom guarda-redes, tem já os créditos firmados, e é sempre difícil a um estreante arrebatar o lugar do efectivo, quando não surja qualquer incidente. Mas não é assim que José Bastos deseja a «internacionalização». Deseja-a por mérito próprio, com a consciência de que as suas qualidades para jogos internacionais (como comprovou na defesa da baliza do Benfica, em duas «Taças Latinas» e noutras saídas) terão sido enfim reconhecidas.

Pois é a história deste rapaz que vamos contar — pela sua própria narrativa. Antes, porém, seja-nos permitido traçar o perfil do nosso biografado de hoje.

Ótimo soco de alívio, num jogo de reserva.



O cartão de boas-festas de Bastos.



Bastos é um rapaz de boa estampa atlética (vide capa da nossa revista...), não muito pronunciada, porém, medindo 1,81 m. de altura e pesando regularmente, 79,5 quilos. Tem uma aparência indolente. Quem o observa, sente a impressão de que está cheio de sono, e que, se se sentar numa cadeira, é capaz de se bater com uma rica soneca... É uma ilusão.

Bastos é um rapaz vivo, como demonstra na baliza; simplesmente, é muito calmo, e sabe dosear as suas energias, relaxando ou intensificando a sua potência muscular, consoante as circunstâncias.

É esta pelo menos a nossa convicção, depois de termos várias vezes observado Bastos, quer em jogo, treino, no «Lars», na rua, em viagem... Posto isto vamos à história, contada por ele próprio.

Guarda-redes porque estava... a chover muito!

— Até aos seis anos, não me lembro de nada em especial — começou por nos dizer José Bastos — Vivi então em Alquerubim, a terra onde nasci, e só depois meus pais se mudaram para Lisboa.

«Ao frequentar a escola primária, tive como todos, ou quase todos os rapazes que depois se tornaram jogadores a sério, a mania de jogar com toda a espécie de bolas.

— E com inclinação para guarda-redes?

— Não. Nem gostava de tal lugar. O que queria era andar a correr com a bola e marcar golos...

— Era então avançado?

— Bem, nos jogos de brincadeira, não havia lugar certo. Era o que calhava. Mas quando, aos 14 anos, comecei a jogar no «Estrelas do Castelo» (club popular do meu bairro) era interior.

— E como se tornou guarda-redes?

— Foi porque esta-



Em viagem, no Brasil.



Desafiando Águas para uma corrida.

va a chover muito! — foi a resposta um tanto inesperada.

— Por que chovia?!

— Sim. Nós tínhamos de jogar com uma equipa do Intendente. Mas chovia tanto que o nosso guarda-redes não apareceu, com receio de se constipar, decerto. De maneira, que fui eu fazer o «jeito» de jogar a guarda-redes.

— Portou-se bem, claro...

— Eles ficaram malucos comigo! — declarou-nos, na sua expressão pitoresca, com sinceridade evidente, merecedora de se lhe perdoar a vaidade pueril...

Sorrindo, Bastos prosseguiu a evocação:

— Cheguei a casa mais molhado de que um pinto que caísse dentro de água...

Estrelas do Castelo?

— Só na 1.ª categoria. Na reserva jogava a avançado para fazer o gosto ao pé...

Numa transição, e com vivacidade, como se estivesse a reviver o momento, Bastos evocou:

— Aquilo é que era amor ao futebol! Pagava 7\$50 por semana, para a ajuda do aluguer dos campos, lavagem das equipas, etc. Para ficar mais baratinho, ia a pé, até ao campo do Lisbonense, ali para os lados do hospital «Júlio de Matos...»!

Sócio do Benfica desde os onze anos...

Conte-nos, com a possível pormenorização, a história do seu ingresso no Benfica... — pedimos.

— Bem; eu ingressei no Benfica aos onze anos...

— Aos onze?! Como?

— Como sócio! — foi a resposta natural — lembro-me perfeitamente de ir ao campo das Amoreiras.

— Quais eram os seus ídolos então?

— Francisco Ferreira, Luís Xavier, o... Eram todos!

— Recorda-se de algum episódio passado nesse tempo, que o impressionasse sobre maneira?

A resposta não demorou um segundo, prova que a imagem ainda se lhe conserva na retina:

— Foi um jogo contra a Académica que o Benfica ganhou, solvo erro por 4-1, uma fugida fantástica de Valadas, pelo lado esquerdo, concluída com um pontapé formidável que deu golo. O que eu aplaudi...

— Depois, o espectador passou a paciente...

— Com 14 anos tentei pela primeira vez fazer desporto no Benfica. Meu irmão José era campeão de atletismo, levou-me ao Campo Grande, falou com Biri, mas este disse que voltasse a aparecer quando tivesse idade para os juniores.

— Teve pena, claro...

— Pois tive. E não me conformei. Continuei a ir ao campo, não para treinar futebol, mas para praticar atletismo.

— Especialidade?

— Altura e 700 metros. Alberto Freitas, então meu treinador de atletismo, pretendia fazer de mim um campeão. Com 15 anos pulava 1,50 m...

— E futebol?

— Continuava a jogar no «Estrela» e também por vezes no «Desportivo do Castelo». Até que fiz os 16 anos e voltei a oferecer-me ao Benfica.

Bastos, Palmeiro e Ângelo tomam um banho de neve.

E pormenorizou:

— Primeiro, o meu irmão levou-me ao director da secção de futebol, Sr. Vasconcelos (que se encontra em África). Ele inscreveu-me e mandou-me ir ter com o Sr. Biri. O treinador mal olhou para mim (eram tantos, de volta dele...) e mandou-me fazer ginástica. Só duas semanas depois fiz um treino de conjunto.

Sempre a sombra de rivais...

— Havia vários guarda-redes candidatos aos juniores: Barata, Carlos Alberto, eu, e uns tantos mais. Fui indicado para o «tamanho B dos juniores»...

— Quando recebi a convocação para o primeiro jogo de juniores fiquei transtornado. Era um sonho de criança que ia tornar-se realidade. Até domingo não tornei a dormir sossegadamente. Sonhava que estava a jogar... Acordava e tornava a dormir... sonhava com os adversários, todos uns «calmeirões»! Eram os belenenses, que nesse tempo tinham fama de serem todos muito altos...

Bastos prossegue:

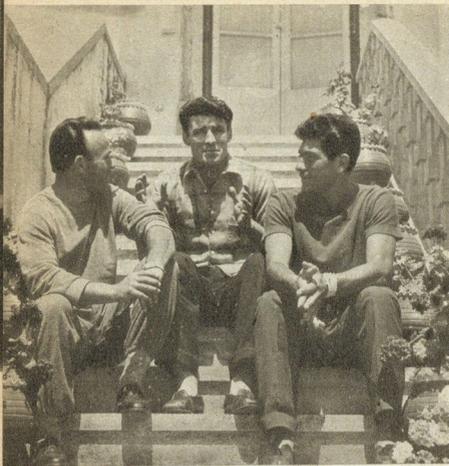
— O jogo estava marcado para as Salésias às 10 horas. Hora e meia antes já eu lá estava, com alguns colegas, tão ansiosos como eu.

Bastos recosta-se na cadeira e fecha os olhos. Irá dormir uma soneca, no melhor da história? Não. É apenas para rememorar melhor esse tempo que, para ele, segundo nos confessou depois, o impressionou profundamente.

— Para passar o tempo — continua o guarda-redes benfiquista — andámos a visitar o campo. Fomos admirar o monumento de «Pepe». Creio que todos nós formulámos intimamente o voto de virmos a ser tão grandes jogadores como ele o foi...

Uma defesa... ainda no tempo do Pai Natal.





Os três guarda-redes do Benfica: Sebastião, Costa Pereira e Bastos.

A estreia

— Havia dois jogos marcados nessa manhã. O estádio das Salésias apresentava boa assistência quando nós desembocámos do túnel de acesso ao campo. Que sensação estranha! Senti-me imensamente feliz!

— Nervoso?

— Mais contente que nervoso!

— foi a resposta curiosa.

— O jogo?

— Correu tudo bem. Empatámos 0-0. Não sofri nenhum gol, o que me deixou radiante.

— O prémio?

— Dez escudos... Dei-me ao luxo de comprar todos os jornais, para ver o meu nome em letra de imprensa.... O «Diário Popular» dizia que eu fora dos melhores em campo. Que satisfação me deram aquelas linhas...

— Continui, por favor — insis-

timos, que a maneira simples, repassada de sinceridade, quase carinhosa, com que Bastos falava desse trecho da sua carreira, nos cativara de veras.

— Nesse torneio apenas sofri dois golos. No ano seguinte, passei a alinhar no «team» «B» dos juniores.

— Companheiros dessa altura, que fizeram carreira no Benfica.

— Dos que subiram, só Neves Pires, mesmo esse esporadicamente...

E prosseguiu a narrativa:

— Passei depois à reserva, estreado-me no campo do Futebol Benfica.

Sorriu à sucapa.

— Que houve então?

— Quase chorei de saudade pelo «team» de juniores...! É curioso que não me impressionou jogar ao lado de «estrelas» como Julinho e Corona, que nesse dia alinharam na reserva: Senti-me um estrangeiro na equipa, deslocado...

— No entanto, isso era o primeiro passo para a ascensão ao primeiro «team»... — observámos.

— Isso era o que me dizia a razão, mas a saudade do meu «team» de juniores, dos companheiros que lutaram ao meu lado durante dois anos, tudo isso é que me dominou nesse dia!

— Ganhou, ao menos?

— Sim, por 8-1, se não estou em erro.

Abrimos aqui um parêntese para comentar a curiosa revelação que nos fez Bastos. Já repisámos o que o valeroso guarda-redes nos falava com simplicidade, e franqueza como quem conversa com um confidante. Não é vulgar, cremos, a maneira como Bastos confessa a sua afeição pelo «team» de juniores, sobrepondo o sentimento à razão. Isto



O confronto destas duas fotos é curiosíssimo. Observe-se jogador por jogador, a evolução das atitudes, e a magnífica actuação de Bastos, que parece batido na primeira foto, e vitorioso na segunda, tudo isto numa fracção de segundo talvez!



revela-nos um Bastos afectivo, sentimental—o jogador que ama o futebol para além da profissão que significa para si.

A verdade sobre a estreia de Bastos na 1.ª categoria do Benfica

—E a estreia na 1.ª categoria do Benfica, impressionou-o de que modo? — inquirimos.

O guarda-ribeiro benfiquista replicou-nos:

—Causou-me entusiasmo, sem dúvida, mas não o alvoroço da estreia nos juniores. Bem vê, a idade era outra... Tinha então 20 anos.

—Fale-nos dessa estreia. Foi contra o Sporting, não é verdade?

—Não. Os jornais tem feito certa confusão a esse respeito. É possível que só então reparassem em mim, mas a verdade é que antes de jogar com o Sporting já tinha defrontado o Lusitano de Vila Real e o Estoril.

—Estreou-se então contra...

—O Lusitano, em Vila Real de Santo António, na época de 1949-50. Ganhamos por 4-1.

—Lembra-se do golo que sofreu, o primeiro na equipa de honra do Benfica?

—Sim. Foi obtido por «Manero», (que mais tarde foi meu colega de equipa) com um remate de muito perto.

—O tal jogo com o Sporting?

—Perdemos por 3-2. Houve um jornal que escreveu então: «O Benfica perdeu um jogo mas ganhou um guarda-redes».

—Bravo! Não podia ser mais expressivo...

Arrebatando a bola no momento preciso



Uma estirada perigosa aos pés de um avançado do Lusitano de Évora. Félix está atento.

— Realmente, não mais desci à reserva salvo quando apareceu Costa Pereira. Nesse mesmo ano, na «Taça Latina», firmei-me ainda mais na equipa.

— Quais eram os seus competidores?

Bastos sorriu, com ar resignado, mas com boa disposição:

— Nunca estive descansado. Havia o Pinto Machado, Contreiras e Comes; depois também o Rosa; mais tarde o Sebastião, e ultimamente o meu amigo Costa Pereira.

Bastos e Costa Pereira.

— O que pensa de Costa Pereira? — perguntámos-lhe à queima-roupa.

— O melhor possível. Um bom amigo e camarada, e um grande guarda-redes.

— Quando é ele que joga, como se sente a observá-lo?

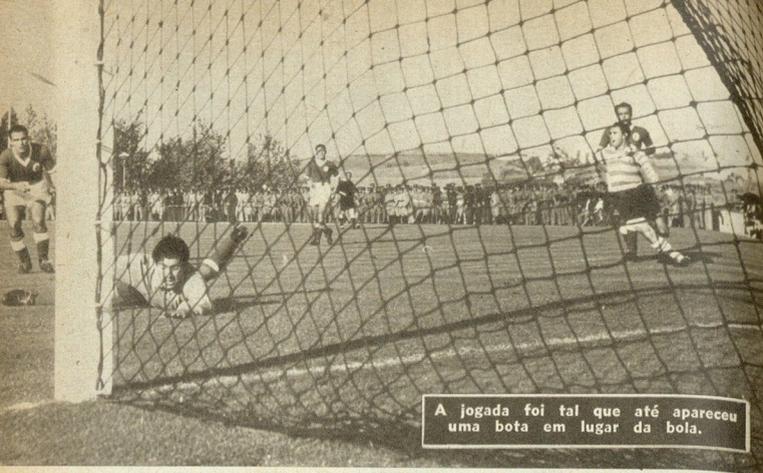
— A minha calma é aparente: cá por dentro enervô-me e «sofro» como qualquer outro. Alegro-me com as suas boas defesas e animo-o nalgum azar que tenha, pois sei que Costa Pereira procede da mesma forma comigo.

— Considera-se superior ou inferior a Costa Pereira, como guarda-redes, evidentemente?

— Depende da forma de cada um. Houve uma altura em que eu baixei nitidamente, e portanto ele era superior. Actualmente, a resposta é dada pelo nosso treinador, fazendo-nos alternar na defesa da baliza do nosso clube.

— A que atribui o abaixamento de que falou? — inquirimos.

— Não me dei bem em África. Comecei logo por estranhar a viagem, devido às



A jogada foi tal que até apareceu uma bota em lugar da bola.

cem horas de voo. Tive febre, passei os primeiros tempos da estadia em África na cama, e tive ainda uma inflamação num braço. Fiz uns jogos em Lourenço Marques, adoentado. Melhore em Leopoldville e Silva Porto. Quando já estava quase bom, numa brincadeira com o Calado, no nosso quarto, fui atingido com sapato num sobrolho, que me deixou seriamente tocado. Enfim, foi o período negro da minha carreira.

E acrescentou:

— Estou convencido que que, se não fossem esses azares todos e, ainda, se nessa altura houvesse a organização no Benfica como há hoje (refiro-me ao «Lar»), não teria baixado tanto.

Concluiu:

— Ao Sr. Otto Clória, especialmente, devo a recuperação do meu moral e melhoria da minha boa forma técnica e física. Nunca esquecerei isso, pois quando estamos desmoralizados é que nos consola que confiem em nós.

Preferências...

Finalizamos a longa entrevista com uma série de perguntas e respostas deste jaez:

— Qual foi a melhor defesa da sua carreira?

— Foi no Campo Grande, a remate de Matateu. Eu tinha saído da baliza, e quando Matateu rematou, saltei, atirando o corpo para trás. Ainda hoje estou para saber como consegui bloquear, com as duas mãos, no ar, quando a bola já tinha passado por mim...

— O golo que mais lhe custou? Talvez de Di Stefano, na final da Taça Latina, não?

— Não, que esse foi um golo regular, marcado com categoria e indefensável. O que mais me custou foi no último desafio com o Belenenses, em que, a poucos minutos do fim, fui puxado pela camisola, não me permitindo defender o golo que

Moreira antecipa-se mas Bastos estava senhor da jogada.

deu o empate. Se nós tivéssemos ganho, o jogo, ficávamos descansados quanto ao título; assim, o sofrimento continuou. Felizmente que tudo terminou em bem...

— Qual foi o adversário que mais o impressionou até à data?

— Tenho de frontado jogadores de grande categoria. Di Stefano é simplesmente extraordinário. Jogador completo, tanto a organizar jogo como a rematar. Foi o que mais me impressionou, sem dúvida.

A internacionalização — sonho bonito de Bastos.

— Última pergunta: espera vir a ser ainda «internacional»?

— Continuo com essa esperança, tanto

No antigo campo do Oriental.





O sonho que tarda a realizar-se: a internacionalização. Lá a camisola, já a vestiu...



Salto magnífico!

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Cabrita

O mais antigo «internacional»
em actividade, baixou à II divisão.

Narrativa profusamente
ilustrada da carreira
interessantíssima de
Fernando Cabrita, por
terras do Algarve, França
e «Serra da Estrela»

BIOGRAFIAS PUBLICADAS:

ÁGUAS * PEREZ *
ORLANDO * PASSOS *
COSTA PEREIRA

mais que este ano já fui suplente à selecção «A», e joguei pela «B» no Funchal.

E concluiu:

— Se abandonar o futebol, sem ser «internacional», apesar de ter já sido «campeão latino», duas vezes de Portugal, e quatro vezes vencedor na final da «Taça», julgo que sentirei que me faltou qualquer coisa!...

Pela nossa parte, confiamos que não falte. A hora de Bastos há-de chegar, que bem o merece.

ROGERIO LANTRES DE CARVALHO

Naturalidade e data do nascimento: Lisboa, 7 de Dezembro de 1922.

Clubes representados: 1939-40 a 41-42 — Chelas; 42-43 a 53-54 — Benfica; desde 1954-55 — Oriental.

Estreia internacional: em 14 de Abril de 1946, contra a França.

Internacionalizações: 16. Contra: França 3 (1 B), Irlanda 3, Inglaterra 2, Suíça, Espanha, Gales, Bélgica, Argentina, Áustria, África do Sul e Itália. Golos: 2, contra Irlanda e Suíça.

OCTÁVIO DOS SANTOS BARROSA

Naturalidade e data do nascimento: Lisboa, 21 de Dezembro de 1920.

Único clube representado: Sporting, de 1937-38 a 49-50.

Estreia internacional: em 11 de Março de 1945, contra a Espanha.

Internacionalizações: 8. Contra: Suíça 2, França 2 (1 B), Espanha 2, Escócia e Inglaterra. Capitão contra a Escócia.

ANTÓNIO FELICIANO

Naturalidade e data do nascimento: Covilhã, 19 de Janeiro de 1922.

Clubes representados: 1938-39 e 39-40 — Casa Pia A. C.; 40-41 a 54-55 — Belenenses; 55-56 — A. C. Marinhense; 56-57 — C. D. Beja.

Estreia internacional: em 6 de Maio de 1945, contra a Espanha.

Internacionalizações: 14. Contra: Espanha 4, França 3, Irlanda 3, Suíça 2, Inglaterra e Itália.

MIGUEL LOURENÇO

Naturalidade e data do nascimento: Vialonga (Vila Franca de Xira), 7 de Fevereiro de 1920.

Clubes representados: 1937-38 Lusitano de Évora; 39-40 a 41-42 — Benfica; desde 42-43 — Estoril Praia.

Estreia internacional: em 16 de Junho de 1946, contra a Irlanda.

Internacionalizações: 3. Contra: Irlanda, Itália e Espanha (B). Um golo contra a Itália.



OCTAVIO BARROSA .



ROGERIO CARVALHO



ANTONIO FELICIANO